

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 7, Cristologia Moderna, Parte 2, Barth, Bultmann e Pannenberg

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 7, Cristologia Moderna, Parte 2, Karl Barth, Rudolf Bultmann e Wolfhart Pannenberg.

Continuamos nosso estudo da Cristologia moderna com a figura de Karl Barth.

Sua influência foi sentida em toda a teologia ocidental no século XX de uma forma grandiosa. Para ele, todo o assunto da Cristologia era central para a teologia, e em reação consciente à teologia liberal do século anterior que lhe foi ensinada, ele afirmou as declarações ortodoxas clássicas dos primeiros cinco séculos sobre a pessoa de Cristo. Barth foi ensinado por alguns dos principais liberais de sua época.

Ele serviu como pastor, e essa teologia simplesmente não funcionou. Então, em suas próprias palavras, ele descobriu o estranho mundo novo da Bíblia e começou a pregar isso. Minha apresentação de Barth será amplamente positiva, mas não é minha intenção, não afirmo ser um barthiano, e definitivamente há problemas.

Por exemplo, Emil Brunner, que foi uma das minhas figuras de doutorado, que conheço melhor do que Barth, rejeitou a queda histórica, e isso só criou muitos problemas, e ainda assim eles acreditavam que as pessoas eram realmente pecadoras e precisavam ser perdoadas, e esse tipo de coisa. No entanto, o uso das escrituras por Barth também era melhor do que sua doutrina das escrituras. Ele não confessou nada como inerrância.

E outro grande problema geral é a tendência de sua teologia em direção ao universalismo. Ele negou, mas muitos concluíram que é para lá que vai de qualquer maneira, apesar de sua negação. Então, com essas ressalvas, eu concordo.

Ele afirmou as declarações ortodoxas clássicas dos primeiros cinco séculos sobre a pessoa de Cristo. Ao longo de sua longa carreira, ele aderiu fielmente à Cristologia clássica, e as mudanças que ocorreram estavam dentro dessa estrutura, especialmente desde seu estudo em 1931 de Anselmo, *Faith Seeking Understanding*, é a tradução para o inglês. Barth estava empenhado em uma concentração cristológica completa de toda a gama da teologia sistemática.

No primeiro volume de sua famosa *Church Dogmatics*, ele escreveu, citação, uma dogmática da igreja deve, é claro, ser determinada Cristologicamente como um todo, e em todas as suas partes, tão certamente quanto a Palavra revelada de Deus,

atestada pela Sagrada Escritura, e proclamada pela Igreja, é seu único critério, e tão certamente quanto esta Palavra revelada é idêntica a Jesus Cristo. Se a dogmática não pode se considerar e fazer com que seja considerada fundamentalmente Cristologia, ela certamente sucumbiu de alguma forma estranha e já está à beira de perder seu caráter como dogmática da igreja. De acordo com Barth, Jesus Cristo é o começo de todos os caminhos e obras de Deus.

Tudo começa com a eleição de Deus do Deus-homem Jesus Cristo. Por essa razão, todo o resto deve ser visto à luz de Jesus Cristo. Continuo pensando em diferentes aspectos de sua teologia.

Até onde sei, e eu escrevi um livro sobre eleição e livre-arbítrio, ele é a primeira pessoa na história da igreja a entender a eleição como ele entendeu, e no final, eu consideraria isso um fracasso brilhante, pois fomos escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo, Efésios 1, pois Barth quer dizer que o próprio Jesus é o homem eleito e réprobo para todos. Novamente, isso mostra a tendência ao universalismo, e ele ensinou isso de forma única. Ele influenciou outros que o seguiram nisso, mas esse não é o ensinamento de Efésios 1, é que Deus escolheu pessoas com a perspectiva de uni-las a Cristo.

Não fala sobre a eleição de Cristo. Na verdade, Barth fez de Cristo o centro de seu pensamento, ele às vezes foi acusado de Cristomonismo, de enfatizar Cristo de uma forma que compromete outros aspectos de sua teologia. É verdade. Como eu disse, estudei Brunner, e Brunner e Barth entraram em choque sobre revelação natural e teologia natural.

Brunner, infelizmente, usou uma terminologia pouco clara, mas Barth pulou em cima dele. O interesse em teologia na Alemanha nas décadas de 40 e 50 era tanto que Barth pôde escrever um livro intitulado *Nine, No*, uma resposta furiosa a Emil Bruner, e as pessoas compraram o livro. Isso foi incrível, mas em retrospecto e olhando para o quadro todo, a negação de Barth da revelação de Deus na criação por causa de sua insistência de que toda a revelação está em Cristo é simplesmente equivocada.

Salmo 19 e Romanos 1 são lugares-chave que ensinam que Deus se revelou na criação. Agora, novamente, eu disse que Bruner usou uma linguagem infeliz, e ele falou sobre uma teologia natural que deixou Barth nervoso. É mais uma revelação natural ou geral.

É verdade que pessoas não salvas têm teologias naturais, mas todas elas são distorcidas pelo pecado. De qualquer forma, há alguma verdade na alegação do Cristomonismo. Barth via Cristo na estrutura da teologia ortodoxa clássica.

Sem qualquer hesitação, ele aceita a Cristologia da igreja antiga. A declaração central, que é uma citação da Cristologia da igreja antiga, é que Deus se torna um com o homem, Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, citando novamente a Dogmática da Igreja. Quando os liberais acusaram Calcedônia de intelectualismo, de enfatizar o intelecto para denegrir o ensino bíblico, o concílio, ele respondeu, não pode ser criticado com intelectualismo, pois, ao falar das duas naturezas do verdadeiro Deus e do verdadeiro homem na única pessoa de Cristo, ele não pretendia resolver o mistério da revelação.

Essa foi a acusação. Ele está tentando especular e resolver o que é insolúvel, mas, em vez disso, ele percebe e respeita o mistério, fechando aspas. É exatamente isso que vimos Calcedônia fazendo.

Não explicou o mistério, e porque não o explicou completamente, você não pode explicá-lo completamente. Isso trouxe críticas, certo? Mas aqui, ele defende, e isso é realmente encorajador de ver. Em outro lugar que Barth disse, também se poderia dizer que a fórmula de Calcedônia é na verdade nada menos que uma exegese de João 1:14, a palavra se fez carne.

Barth até defende termos abstratos como natureza humana impessoal e natureza humana impessoal de Cristo. Ou seja, ele negou que houvesse um homem, Jesus, além da encarnação, e afirmou que desde o início da humanidade de Jesus no ventre de Maria, ela não era impessoal, mas impessoal pela união com o Logos no ventre da Virgem. Então, essas são maneiras de proteger a divindade e afirmar a humanidade de Cristo.

Não pode haver dúvida de que Barth está totalmente de acordo com a Cristologia da igreja antiga. De fato, devido a ele, um grande reavivamento de interesse e aceitação da Cristologia antiga em muitos círculos ocorreu por um longo tempo. Seguindo Barth, muitos estavam dispostos a aceitar até mesmo o nascimento virginal novamente.

Digo até porque foi um assunto de tremendos ataques no liberalismo. Um exemplo é Emil Bruner, que negou o nascimento virginal de Cristo. Ele o considerava como algo da franja mitológica do Novo Testamento, e eu cito Karl Barth, a negação de Emil Bruner do nascimento virginal é um mau negócio.

Ela lança toda a sua teologia sob uma luz negativa. Deus colocou placas de sinalização no começo e no fim da vida de nosso Senhor. Uma é o nascimento virginal, e a outra é o túmulo vazio.

Não ousamos mover as placas de sinalização. De sua parte, Bruner se sentiu esmagado por Barth, que se tornou, que era um gigante, e havia um certo ressentimento, de modo que em um ponto Bruner imprudentemente, sem dúvida

sentindo dor por causa de Barth escrever livros como *None, No*, e as pessoas sabendo o que isso significava, chamou, se referiu a Barth como o ditador teológico da Alemanha, uma referência a Hitler e uma coisa terrível de se dizer. E ainda assim, é um tanto merecido? Barth era um cliente muito forte, de fato.

Barth aceitou de todo o coração a doutrina clássica da Trindade. Se Jesus realmente é a revelação de Deus, então há um Deus que é revelado nele, e se a revelação de Deus em e por meio de Jesus Cristo deve ser realmente eficaz, então o próprio Deus deve trazer essa revelação para o homem pecador. O que ele está fazendo é começar com Cristo e afirmar a doutrina da Trindade.

Três vezes é o próprio Deus que é o sujeito de sua própria palavra. Ele é o revelador. Esse é o Pai. Ele é a revelação, esse é o Filho.

Ele é a revelação, esse é o Espírito. Isso só pode significar que Deus é trino, que o próprio Deus, citando Barth novamente, é unidade inalterada, mas ele também existe em diferença inalterada como revelador, revelação e revelação. Disto você percebe que Barth usa sua própria terminologia, mas ele está afirmando, e ele é muito centrado em Cristo.

Ele está afirmando a doutrina tradicional da Trindade. Na verdade, ele enfatizou que Deus é trino em seu ser mais íntimo. Não é suficiente aceitar uma Trindade econômica.

A Trindade econômica é a Trindade revelada no mundo, atuando, e assim por diante. Como em Efésios 1, o Pai escolhe, o Filho redime, e o Espírito é o selo do Pai sobre os crentes, protegendo sua salvação até o fim. Essa é a Trindade econômica, a Trindade em movimento, a Trindade funcional.

Mas Barth também aceitou a Trindade ontológica ou iminente, isto é, Deus é um Deus trino em si mesmo. Não é de se admirar que, para Barth, a divindade de Jesus Cristo pertencesse ao próprio centro da fé cristã. De fato, nos volumes anteriores da *Dogmática da Igreja*, a centralidade de Cristo recebeu tanta ênfase que Barth foi acusado de identificar Jesus com Deus a tal ponto que sua humanidade recua para o segundo plano, e quase não há espaço para um oposto de Jesus e Deus.

Para ser justo, essa é provavelmente uma crítica verdadeira, mas com o tempo, ele a equilibrou muito mais. A Igreja Cristã sempre evitou certos perigos ao falar enfaticamente do Filho em sua natureza humana. O contraste não é entre Pai e Filho como tal.

Não é um contraste ou tensão intertrinitária, mas o Filho em sua forma humana se submete ao Pai. Os Evangelhos falam da paixão de Jesus como um ato de Deus, que coincide com a ação livre e o sofrimento de um homem. Mas de tal forma que essa

ação e sofrimento humano tem que ser representado e entendido como a ação e, portanto, a paixão do próprio Deus.

E esse tipo de declaração, parece que ele passou dos limites e está quase ensinando um patrapacianismo, o que ele nega, e ainda assim ele recebe declarações extremas dessa forma. Nos últimos anos, vemos uma certa mudança ocorrendo no pensamento de Barth. Ele ainda afirma que é Deus o verdadeiro sujeito na revelação que ocorreu em Jesus, mas agora a ênfase está muito mais em Jesus, que é um verdadeiro representante da humanidade e que, como tal, age como o parceiro humano de Deus.

Jesus Cristo é o verdadeiro parceiro de Deus, e é somente por meio dele que todos os outros seres humanos podem ser parceiros de Deus. Como a influência de Barth estava no seu auge, seu zênite, novas tendências surgiram de uma natureza muito mais radical, que levaria a teologia ocidental por um caminho que se afastava muito da posição ortodoxa da igreja antiga. É para estes que nos voltamos agora, e o primeiro e mais importante é Rudolf Bultmann.

Ele foi um gênio e um pioneiro de tantas áreas de estudo, de crítica de forma, de teologia bíblica, tendo escrito um livro sobre esse mesmo tópico. Ele escreveu um comentário tremendo sobre o Evangelho de João. E assim por diante, a hermenêutica continua, e ainda assim há certamente uma Cristologia vinda de baixo, mas também uma negação de muitas, muitas doutrinas cristãs.

Lembro-me de ensinar 1 João 2 para uma classe de seminário do texto grego onde diz, João diz aos seus leitores, vocês todos sabem que não precisam de ninguém para ensiná-los, mas a unção de Deus, uma referência ao Espírito Santo, ensina vocês, e vocês sabem todas as coisas. O significado é que eles não devem ficar deprimidos porque os falsos mestres que ensinaram uma Cristologia e visão de ética defeituosas os deixaram e os rejeitaram. Eles devem confiar no Senhor, nos apóstolos e no espírito e seguir em frente.

A esse respeito, lembro-me dos alunos simplesmente ficarem perplexos na aula. Como Bultmann poderia saber tanto e ter tanta influência? Ele sabe no sentido de 1 João 2? Ele conhece o Pai e o Filho? E eu não sou rápido em julgar os outros, certo? Mas como ele poderia não saber disso se ele sabia tanto? E a resposta é, esse é um conhecimento que é falado em termos de fé. E mesmo uma criança pequena que acredita em Jesus conhece o Pai e o Filho de uma forma que Bultmann, negando a encarnação, a divindade de Cristo, os milagres, o céu e o inferno, a ressurreição de Jesus na segunda vinda, não o conhecia.

Que triste estado de coisas. Mas certamente o mais influente estudioso do Novo Testamento do século XX. Após a Segunda Guerra Mundial, uma mudança ocorreu quando o programa de desmitologização de Rudolf Bultmann e sua interpretação

existencialista da mensagem bíblica se tornaram o novo centro da discussão teológica.

Para Bultmann, a cruz de Cristo era o centro de toda teologia. Mas sua abordagem da cruz e da pessoa do próprio Jesus era decisivamente diferente daquela de Barth em pelo menos duas maneiras. Primeiro, Bultmann abordou o Novo Testamento de um ponto de vista radical e crítico.

Como um dos da escola crítica da forma, ele acreditava que os escritos do Novo Testamento não descrevem a história factual, mas sim são produtos da teologia das primeiras comunidades cristãs. No processo de transmissão oral e pregação regular, todos os tipos de elementos lendários foram adicionados à história original de Jesus. Então, o Novo Testamento apresenta este universo de três andares com Deus e os anjos aqui, a humanidade e os animais aqui, e os demônios e o inferno aqui.

Essa era a visão dele. Simplesmente não podemos aceitar isso. E, ainda assim, a mensagem do Novo Testamento é importante.

Então essas lendas e esses incríveis elementos lendários, dizem as palavras certas, precisam ser desmistificados para tornar a mensagem palatável, aplicável e transformadora para homens e mulheres modernos. Além disso, como representante da escola histórico-religiosa, Bultmann também viu uma relação próxima entre a mensagem do Novo Testamento e as religiões não cristãs daquele período. Fiquei um tanto chocado ao ler sua teologia do Novo Testamento, e ele disse muitas coisas boas sobre a teologia de João, da mesma forma sobre Paulo, e então quando ele falou sobre sua comunalidade, eles concordaram porque ambos tiraram suas ideias das religiões de mistério e do protognosticismo.

Fiquei surpreso. Gnosticismo pré-cristão, era isso que era, que desde então foi refutado. É um fenômeno do século II.

Temos algumas tendências incipientes em algo como Primeira João, mas não, não há um gnosticismo pré-cristão. Então, suas pressuposições eram de que as religiões eram iguais em um sentido e que elas influenciavam umas às outras nesse tipo de coisa. A noção de normatividade ou revelação do Novo Testamento está simplesmente ausente.

Aqui, ele encontrou o pano de fundo das interpretações mitológicas de Jesus e sua morte e ressurreição, conforme fornecidas pelos escritores do Novo Testamento. A segunda diferença importante entre Barth e Bultmann é que Bultmann tentou traduzir tudo o que o Novo Testamento diz sobre Jesus e sua obra em categorias antropológicas. Repetidamente, continuei encontrando em seus escritos outra maneira, esta é outra maneira de expressar uma autocompreensão crente.

Isto é, é sobre nós. É sobre nós. Na verdade, os filósofos radicais de esquerda e filósofos ateus da esquerda disseram, Rudolph, você está indo bem.

Você é brilhante. Você está indo bem. Você absorveu o existencialismo de Heidegger e está indo bem.

Se você desmistificar mais uma coisa, você está conosco. Mas ele se recusou a desmistificar Deus totalmente. Oh, meu Deus.

Aqui, encontramos a profunda influência que a filosofia existencialista do jovem Heidegger exerceu sobre Bultmann. Para Bultmann, nosso conhecimento teológico é , ao mesmo tempo, conhecimento sobre nós mesmos. De fato, um de seus alunos definiu Deus como uma autocompreensão crente.

A coisa toda foi para o interior. É ultrajante. Não podemos falar de Deus sem referência à nossa própria situação existencial concreta.

O mesmo é verdade para falarmos de Jesus Cristo. Dele também não podemos falar sem falar de nós mesmos ao mesmo tempo. Nesse sentido, pode-se dizer que todo discurso teológico e cristológico é em si mesmo discurso antropológico.

Isto é verdade para a teologia de Paulo, citando Bultmann em sua *Theology of the New Testament*. Toda afirmação sobre Cristo é também uma afirmação sobre o homem e vice-versa. E a cristologia de Paulo é simultaneamente soteriologia.

Bultmann resumiu toda a sua abordagem em sua famosa palestra de 1941, *Novo Testamento e Mitologia*, na qual lançou seu programa de desmitologização. Seu ponto de partida é a convicção de que o Novo Testamento é cheio de mitologia. Todos os escritores pensaram sobre a antiga imagem do mundo.

O universo é visto como uma estrutura de três andares, como eu já disse. Sim, sim, o próprio Deus intervém continuamente nos assuntos deste mundo e faz com que eventos milagrosos aconteçam. Ele não acreditava nisso.

Isso é parte da mitologia. Tudo isso, no entanto, é totalmente inaceitável para o homem moderno. Não podemos mais aceitar a mensagem de Jesus como apresentada no Novo Testamento com uma encarnação literal, milagres literais, uma expiação literal.

Eu não disse limitado. Eu disse uma expiação literal, uma ressurreição literal e uma ascensão literal. Todas essas questões pertencem à estrutura mitológica da mensagem.

A única maneira de descobrir a mensagem em si é desmistificar o Novo Testamento completa e radicalmente. Mas não estamos, dessa forma, caindo de volta nos erros dos liberais mais antigos? Eles não fizeram o mesmo? Bultman percebe o problema aqui, e ainda assim ele insiste que há uma diferença fundamental entre seu programa de desmistificação e o programa dos liberais antigos. Seu próprio método é bem diferente.

Não é a eliminação de lendas bíblicas, mas uma reinterpretação. Nossa tarefa é descobrir quais experiências religiosas os escritores tentaram expressar por meio de todos esses mitos. A resposta a essa pergunta não é difícil.

Esses homens descobriram que na cruz do homem, Jesus de Nazaré, eles foram libertos do poder do pecado. Observe o homem, Jesus de Nazaré. Ele não é o Deus-homem.

Da mesma forma, também devemos desmistificar a pessoa de Jesus. É óbvio que o Novo Testamento dá uma interpretação mitológica de Jesus. Ele fala dele como um ser sobrenatural preexistente que desceu à Terra e nasceu de forma milagrosa.

Em forma humana, ele se sacrificou pelos pecados do mundo e morreu na cruz. Depois de três dias, ele se tornou vivo novamente e retornou ao céu de forma milagrosa. No futuro, ele voltará do céu para a terra.

Tudo isso é pura mitologia. Se você quer chegar a um verdadeiro entendimento de Jesus, precisamos novamente traduzi-lo em categorias existenciais antropológicas. O que os escritores do Novo Testamento realmente queriam fazer era citá-lo repetidamente para expressar o significado da figura histórica de Jesus e os eventos de sua vida.

Fim da citação. O que eles tentaram dizer foi, citação, que a figura de Jesus não pode ser entendida simplesmente a partir de seu contexto interior-mundano. Em linguagem mitológica, isso significa que ele vem da eternidade.

Sua origem não é humana e natural. Fechar citação. Em linguagem comum, aqui está o que realmente significa.

Neste homem, que era um homem comum, fale sobre Cristologia de baixo, seu pai e sua mãe eram bem conhecidos por seus contemporâneos, a salvação de Deus está presente. Em linguagem teológica, significa isto. Este homem é o grande evento escatológico que pode nos levar a uma autocompreensão crente.

A nova abordagem significa uma enorme transformação da mensagem bíblica. Sem dúvida, há muitos motivos bíblicos presentes na teologia do Papa Monte, mas

também é óbvio que sua Cristologia é inteiramente diferente daquela dos credos. Herman Sassa certa vez a formulou assim: o sarcasmo é merecido; desculpe.

Jesus Cristo não foi concebido pelo Espírito Santo, não nasceu da Virgem Maria. Ele não sofreu; ele sofreu sob Pôncio Pilatos. Ele foi crucificado, morto e sepultado, mas ele não desceu ao inferno, não ressuscitou dos mortos, não ascendeu ao céu, não está sentado à direita de Deus Pai, e não voltará para julgar os vivos e os mortos.

Tudo o que podemos dizer é que, de alguma forma, nele, o evento escatológico da salvação ocorreu. Um fato que foi descoberto por seus discípulos algum tempo depois de sua morte, e é o que é conhecido como ressurreição. É um fato triste para mim que esta foi a pessoa mais importante nos estudos do Novo Testamento no século XX.

E ainda assim o pêndulo tinha oscilado tanto, que teve que oscilar de volta, e o fez. Mas antes de irmos lá, JAT Robinson é um tanto famoso. Eu o conheço fora de ordem, e vou falar de Hans Kung e Karl Rahner.

Sua honestidade com Deus chocou a população britânica quando ele realmente usou o programa de desmistificação em uma linguagem comum. O homem moderno conhece apenas uma realidade, a saber, este universo; há apenas uma maneira de pensar e falar sobre Deus, não em termos de ele estar lá fora, mas de profundidade. Deus é a base do nosso ser.

Ele está de fato sendo ele mesmo. Isso soa como a cristologia radical de Paul Tillich, teologia. Mas mesmo isso não foi o fim.

Outros foram ainda mais longe e propuseram uma teologia de que Deus está morto, o que significava que as noções tradicionais sobre Deus eram falaciosas e deveriam ser rejeitadas. O contexto da nova concentração cristológica é o ateísmo do homem moderno. Depois de Auschwitz, o homem moderno não acredita mais em Deus, pelo menos não no teísmo ocidental tradicional.

De fato, esse Deus está morto. Voltarei a Robinson, mas sua honestidade com Deus abalou os britânicos e fez com que muitos deles confundissem muitas pessoas e até mesmo pessoas deprimidas que sentiam que não podiam mais acreditar no Jesus sobre o qual tinham aprendido na escola dominical e com os preladados anglicanos que pregavam a palavra de Deus. Duas figuras significativas na segunda metade do século XX foram Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann .

Pannenberg , em sua obra principal, Jesus, Deus e Homem, disse metodologicamente, temos que preferir uma Cristologia de baixo a uma de cima. Ele está tentando se comunicar com as pessoas modernas. E é por isso que usei a distinção anterior entre uma Cristologia absoluta de baixo e uma relativa.

Ele começa de baixo, mas ele trabalha seu caminho historicamente até o túmulo vazio, acredita na confissão de Jesus e acaba afirmando a visão tradicional da encarnação. Por que ele começou de baixo? Tal abordagem pressupõe a divindade de Jesus. Isso torna difícil reconhecer as características distintivas do verdadeiro homem histórico, Jesus de Nazaré.

Ela adota virtualmente a posição do próprio Deus ao se concentrar na maneira como o filho de Deus veio ao mundo. Essa rejeição da abordagem de cima não significa que Pannenberg rejeite a ideia de encarnação completamente e que ele considere a encarnação da Cristologia como um erro total. Na verdade, ele próprio também aceita o conceito de encarnação, mas ele vê isso como um erro da Cristologia tradicional que tomou esse conceito como um ponto de partida em vez de como o objetivo da Cristologia.

Eu argumentarei que João e Paulo tomaram isso como seu ponto de partida e que podemos fazer a mesma coisa, embora eu aprecie muitas das conclusões de Pannenberg . Pannenberg também acredita que Jesus é o filho de Deus, mas para descobrir isso, devemos começar de baixo, isto é, com o Jesus histórico. Mas podemos realmente conhecer essa atividade e o destino do homem Jesus em comparação a Bultmann, de acordo com os pós- bultmannianos que reagiram ao seu ceticismo extremo, Pannenberg sustenta que podemos de fato voltar atrás da pregação apostólica, do querigma, sua mensagem para o Jesus histórico?

Fica claro nos Evangelhos que o contexto imediato de Jesus era o da expectativa apocalíptica judaica. Jesus esperava o fim absoluto da história com a ressurreição geral dos mortos, o aparecimento do filho celestial do homem e o início do último julgamento. Dentro de sua estrutura, Jesus cumpriu seu ofício de chamar os homens para o reino de Deus que havia aparecido nele.

É evidente por tudo isso que Jesus fez uma tremenda reivindicação de autoridade. Ele reivindicou nada menos do que falar com a autoridade do próprio Deus. Ao mesmo tempo, essa reivindicação tinha uma estrutura proléptica.

Precisava de uma futura vindicação do próprio Deus. Esse é o tipo de genialidade de sua abordagem. A expectativa de Jesus dessa vindicação, no entanto, pareceu se tornar um grande fracasso.

Pois pelos líderes de seu próprio povo, ele foi condenado e subsequentemente executado como rebelde pelos romanos. Ele morreu na cruz. Mas três dias depois, o grande milagre aconteceu.

Deus o ressuscitou dos mortos e assim o reivindicou e sua reivindicação. É verdade que o fim final da história ainda não chegou, mas a ressurreição de Jesus não pode

significar nada mais do que a antecipação proléptica desse fim. Ao mesmo tempo, também se tornou manifesto quem Jesus realmente é.

Na ressurreição, a Cristologia de baixo emite uma Cristologia escatológica na qual fica claro que, citação, como este homem, como um homem nesta situação particular única com esta missão histórica particular e este destino particular, como este homem, Jesus não é apenas homem, mas da perspectiva de sua ressurreição dos mortos, ele é um com Deus e é ele mesmo Deus. Esta é uma citação de Pannenberg . Mas isso não está em conflito com o que lemos sobre o Jesus histórico que se considerava inteiramente subordinado ao Pai? A resposta de Pannenberg é que esta subordinação é, em retrospecto, a expressão da unidade essencial de Jesus como um filho com o Pai.

Como aquele totalmente dedicado ao Pai, Jesus é o revelador da divindade de Deus e pertence inseparavelmente à essência de Deus. Assim, já em sua vida pré-Páscoa, Jesus era o filho de Deus, embora ainda não fosse reconhecível como tal. Sim, a lenda do nascimento virginal afirma que ele era um filho de Deus desde o princípio.

O que é ainda mais, podemos falar de sua pré-existência. Deus sempre foi um com Jesus, mesmo antes de seu nascimento terrestre. Em última análise, podemos falar de Jesus apenas em termos de encarnação.

O conceito de encarnação, embora não possamos tomá-lo como nosso ponto de partida na Cristologia, afirma, no entanto, uma verdade que não pode ser abandonada. Todas elas são citações de Pannenberg . Em Jesus, o próprio Deus saiu de sua alteridade para o nosso mundo, para a forma humana, de tal forma que a relação pai-filho que, como sabemos em retrospecto, sempre pertenceu à essência de Deus, agora adquiriu forma corpórea.

Digo algo similar na doutrina da Trindade. Sabemos que Deus sempre existiu como a Santíssima Trindade, mas aprendemos isso na encarnação do Filho. Não aprendemos isso do Antigo Testamento em si.

Oh, você pode encontrar antecipações, me parece, mas você as nota olhando para trás, da ressurreição de Jesus. Então, é na encarnação que entendemos que Deus é dois em um. É no Pentecostes que entendemos que Deus é três em um, e lemos isso corretamente de volta para a eternidade, o que é, de fato, baseado em certas declarações do Novo Testamento.

Pannenberg afirma que, citação, a distinção que Jesus manteve entre si e o Pai também pertence à Trindade de Deus. Assim, a Cristologia de baixo de Pannenberg resulta em uma doutrina completa da Trindade. Mas isso não significa que, novamente, a humanidade de Jesus, a verdadeira humanidade, é engolida pela

verdadeira divindade? Pannenberg volta à doutrina do século VI de Leôncio de Bizâncio, enfatizando a humanidade impessoal de Cristo e a humanidade impessoal.

Ele é ortodoxo, em outras palavras. Mas ele se apressa em explicar que isso não significa uma partição de Jesus em duas naturezas. Ele não aceita essa terminologia.

Em vez disso, ele fala de dois aspectos complementares. Klaus Runia avalia e diz, na verdade, essas palavras de Pannenberg, que não vou ler, são muitos detalhes, nada mais são do que a antiga doutrina da humanidade impessoal de Cristo. Ou seja, não havia um mero homem.

Jesus, Deus, veio e habitou. E a humanidade impessoal de Cristo, isto é, desde o início de sua humanidade no ventre de Maria, sua humanidade era impessoal pela união com o Filho, ou o Verbo, em seu ventre. Avaliação por Klaus Runia.

É evidente que a Cristologia de Pannenberg, embora partindo de baixo, isto é, do Jesus histórico, através do ponto de virada da ressurreição, finalmente chega muito perto da Cristologia clássica. Pode ser verdade que ele não queira falar de duas naturezas e prefira falar da identidade indireta de dois aspectos totais complementares da existência de Jesus, mas isso não altera o fato de que sua visão é uma variante da tradição calcedônica. Um aspecto importante da Cristologia de Pannenberg é sua decisão de desenvolver uma Cristologia de baixo.

Acreditamos que tal abordagem tem méritos definidos. Por um lado, leva a historicidade de Jesus a sério. Por outro, leva sua ressurreição a sério como um grande ponto de virada na vida e obra de Jesus.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorar o fato de que Pannenberg adota uma atitude bastante crítica aos dados bíblicos sobre Jesus e frequentemente usa o método histórico-crítico para se livrar de evidências conflitantes. Assim, o nascimento virginal, que não se encaixa muito bem com sua abordagem de baixo, é rotulado como uma lenda. Da mesma forma, a autoconsciência de Jesus como o Messias e Filho de Deus, que nos Evangelhos é atribuída a Jesus, é negada.

Klaas Runia expressa uma apreciação por pelo menos a versão de Pannenberg de uma Cristologia de baixo para comunicar aos modernos como parte de sua estratégia. Ele acha que pode haver algum valor nisso, embora critique as rejeições de Pannenberg de parte do testemunho bíblico. Mas então ele acrescenta, no entanto, eu acredito que nós que estamos vivendo depois de Paulo e João temos que complementar uma Cristologia de baixo com uma Cristologia de cima.

Concordo de todo coração com isso. Finalmente, a insistência de Pannenberg na Cristologia de baixo também deve ser a razão pela qual ele finalmente chega a uma

enhypostasis escatológica de todos os homens. Em Jesus, a essência de Deus e a essência do homem são integradas.

Isso aconteceu na particularidade da vida histórica de Jesus, diz Pannenberg , mas então ele imediatamente acrescenta que, no futuro, essa integração se estenderá a toda a realidade humana. Alguém se pergunta se, dessa forma, a Cristologia de baixo não resulta em uma deificação dos seres humanos, de fato, em um universalismo. Claro, discordo de Pannenberg nesse ponto e, de fato, o rejeito.

Então, uma avaliação mista, mas mesmo que Barth fosse melhor do que os antigos liberais e Bultmann fosse um tremendo decaído, Barth é muito mais aceitável, embora não totalmente ortodoxo. Mesmo assim, comparado a Bultmann, Pannenberg é muito melhor e de fato é melhor do que Bultmann, ao qual retornaremos em nossa próxima palestra.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 7, Cristologia Moderna, Parte 2, Karl Barth, Rudolf Bultmann e Wolfhart Pannenberg .